

Título

Os contos de fadas sob uma ótica psicanalítica no mundo infantil: as fantasias e expressões inconscientes do conto “A bela e a fera”

Autor

Maria Eduarda Borges Rezende
Fernanda Pessolo Rocha

Ano de publicação

2026

Referência

REZENDE, Maria Eduarda; ROCHA, Fernanda Pessolo. Os contos de fadas sob uma ótica psicanalítica no mundo infantil: as fantasias e expressões inconscientes do conto “A bela e a fera”. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, 2026.

OS CONTOS DE FADAS SOB UMA ÓTICA PSICANALÍTICA NO MUNDO INFANTIL: AS FANTASIAS E EXPRESSÕES INCONSCIENTES DO CONTO “A BELA E A FERA”

FAIRY TALES FROM A PSYCHOANALYTICAL PERSPECTIVE IN THE CHILDREN’S WORLD: THE FANTASIES AND UNCONSCIOUS EXPRESSIONS IN THE TALE “BEAUTY AND THE BEAST”

Maria Eduarda Borges Rezende ¹
Fernanda Pessolo Rocha ²

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar a importância dos contos de fadas no desenvolvimento psíquico infantil sob a perspectiva psicanalítica, com ênfase no conto *A Bela e a Fera*, em sua versão reescrita por Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1756). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e bibliográfico, fundamentada em autores da psicanálise e da literatura que discutem a função simbólica dessas narrativas na infância. A metodologia consistiu no levantamento e análise de obras clássicas e contemporâneas, especialmente das abordagens freudiana e junguiana, incluindo contribuições de autores como Sigmund Freud, Melanie Klein, Carl Jung e Bruno Bettelheim. Os resultados indicam que os contos de fadas operam como dispositivos simbólicos que possibilitam à criança elaborar conflitos internos, lidar com angústias e organizar suas experiências emocionais. A análise do conto evidencia que seus personagens representam conteúdos inconscientes, desejos reprimidos e processos de amadurecimento psíquico, especialmente no que se refere ao desenvolvimento do ego e à integração de aspectos dissociados da personalidade. Conclui-se que *A Bela e a Fera* possui relevante potencial terapêutico e educativo, favorecendo a construção da subjetividade infantil e a elaboração simbólica de experiências emocionais. Dessa forma, destaca-se a articulação entre arte, psicanálise e desenvolvimento psíquico como fundamental para a compreensão da formação subjetiva da criança.

Palavras-chave: Psicanálise. Contos de fadas. Desenvolvimento infantil. Inconsciente.

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Barão de Mauá.

² Doutorado em Ciências pela USP. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Ribeirão Preto. Contato: fernanda.rocha@baraodemaua.br

Abstract: This study aims to analyze the importance of fairy tales in children's psychological development from a psychoanalytic perspective, focusing on the tale *Beauty and the Beast*, in the version rewritten by Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1756). This is a qualitative, exploratory, and bibliographic study, grounded in psychoanalytic and literary authors who discuss the symbolic function of fairy tales in childhood. The methodology consisted of reviewing and analyzing classical and contemporary works, particularly from Freudian and Jungian perspectives, including contributions from authors such as Sigmund Freud, Melanie Klein, Carl Jung, and Bruno Bettelheim. The findings indicate that fairy tales function as symbolic instruments that help children process internal conflicts, cope with anxieties, and structure emotional experiences. The analysis demonstrates that the characters represent unconscious content, repressed desires, and processes of psychological maturation, especially regarding ego development and the integration of dissociated aspects of the psyche. It is concluded that *Beauty and the Beast* has significant therapeutic and educational potential, contributing to children's subjective development and symbolic elaboration of emotional experiences. Thus, the articulation between art, psychoanalysis, and psychological development is emphasized as essential for understanding the child's subjective formation.

Keywords: Psychoanalysis. Fairy Tales. Child Development. Unconscious.

INTRODUÇÃO

Ao falar de criações artísticas, Freud apresenta um ponto de vista no qual a arte é uma realidade aceita e expressada sem culpa, os artistas externalizam símbolos de seus desejos proibidos através da sublimação, estes causam emoções em seus telespectadores (Frayze-Pereira, 2005). Para quem usufrui de tais artes, se absorve por meio desses símbolos a sensação de prazer por satisfazer seus desejos proibidos por meio da identificação com a obra (Capelozza e Campos, 2020).

Para Freud (1994/1996), as manifestações artísticas mostram distintas análises e interpretações, de modo que cada expectador acarrete emoções e identificações singulares. Contudo, apesar de tais compreensões, o observador ainda não seria capaz de trazer o real significado da sua identificação inconsciente da obra, para si. Dito isso, a arte vem com o amparo para o observador de realizar suas próprias fantasias, angústias e desejos inconscientes por meio da identificação

com a obra e com artista, assim, um novo sentido é produzido quando as fantasias inconscientes são expressadas e identificadas por meio dessa criação artística, seja ela quadros, esculturas ou contos. (Capelozza e Campos, 2020).

Além disso, para Rossi (2009), Freud propõe que a arte é um apoio para o conteúdo que o homem não expressa e que é por meio da arte e de sua possibilidade de expressar e criar, que alivia a pressão do superego e das fantasias dele, sendo assim, observa-se que a arte/obra, é uma abertura do mundo interno para ele poder emergir e compartilhar seu conteúdo proibido e reprimido.

De acordo com Reis (2004), a psicóloga Margareth Naumburg traz uma visão em que a arte é o reflexo da comunicação do inconsciente para o consciente, usada como uma ferramenta não verbal para expressão de manifestações inconscientes como traumas, desejos, fantasias, emoções e pensamentos e por ser não verbal, facilita o acesso a esses materiais por não terem a mesma dificuldade que os processos verbais se deparam, tais como resistência e mecanismos de defesa. Sob esse discurso de Naumburg, a arte é um instrumento não só usada nas clínicas, mas sim em várias outras áreas.

Um meio de produção e exposição de obras artísticas, são os contos de fadas, que surgiram por volta do século XIV com traduções e narrativas diferentes das contemporâneas (Chauí, 1984). Com o passar do tempo, esses contos foram sendo aperfeiçoados para o público infantil em sua linguagem e novas formas de fantasiar situações que a criança compreende (Corso, 2006).

Durante muito tempo, os contos foram traduzidos para se comunicar com diferentes níveis de personalidade humana e nível psíquico, no entendimento de uma criança tanto quanto ao entendimento de um adulto maduro, e transmitir conteúdos manifestos e encobertos que possam ser transmitidos ao consciente, pré-consciente e

inconsciente, ajudando a apaziguar pressões do inconsciente e pré-consciente (Bettelheim, 2002).

Sendo assim, os contos de fadas infantis são importantes para a criança conseguir captar mensagens que sejam coniventes com seu nível psíquico, eles representam de forma simbólica assuntos e problemas existenciais para que com isso ela possa lidar e resolver esses conflitos de acordo com sua maturidade. A criança pode compreender e progredir a partir da “familiarização” de elementos externos, fantasiando e reorganizando sobre os diversos conteúdos e dimensões que um conto pode trazer a partir dos elementos adequados e assim ela consegue trazer seu conteúdo inconsciente adaptado às fantasias conscientes elevando sua capacidade de entendimento (Bettelheim, 2002).

De acordo com Klein (1927/1996), é por meio do mundo lúdico da criança que ela vai trazer seu mundo interno, já que ela não tem desenvolvimento necessário de seu aparelho mental para poder trazer seu mundo interno por meio da associação livre e a partir disso, Klein trouxe o conceito do brincar lúdico, propondo que a criança se expresse através das brincadeiras e do imaginário. A criança pode então, por meio do brincar e imaginar, criar cenários de faz de conta, ser quem ela não é, estar em qualquer lugar que ela imaginar, atuar em vários tipos de papéis e experiências e assim, ela obtém a sensação de prazer para ela. O lúdico traz o acesso de seu inconsciente de modo simbólico, com recursos e elementos a criança pode projetar seu mundo interno ao mundo externo (Araújo, 2011).

Um modo lúdico para as crianças, são os contos de fadas, e dentre eles o conto da “A Bela e a Fera”, reescrita por Jeanne- Marie Leprince de Beaumont em 1757 que será usado no presente estudo, buscando entender o simbolismo presente nos personagens desse conto e compreender como eles são incorporados no mundo infantil para ajudar a criança a trazer seu mundo interior. A pesquisa tem o enfoque

em como a criança internaliza o “bem” e o “mal” dos dois personagens principais da história, já que para Bettelheim (2002), a criança não sabe nomear o que sente e não há tanta ambiguidade para a personalidade, ela acredita que há o “certo” ou o “errado”, o “herói” e o “vilão”, o “deprimido” ou o “contente”, somente dois extremos.

Além disso, busca compreender como esses dois personagens principais do conto, influenciam no desenvolvimento psicossocial da criança, que para Bettelheim (2002), os personagens e os contos, são como portas de entrada para um encontro de autoconhecimento e de saberes, usados para lidar com seu mundo interno e externo, alcançando a maturidade de modo que saiba e aceite simbolicamente sobre os conflitos intrínsecos da existência.

MÉTODO

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de caráter exploratório e bibliográfico, feito a partir de uma abordagem qualitativa com objetivo de investigar a relação da expressão artística com as manifestações inconscientes, em especial em contos de fadas na obra da “A Bela e a Fera” na lente psicanalítica mediante a uma investigação em artigos, livros e outras literaturas que permitem compreender sobre esse tema.

Autores como Freud (1994/1996), Capelozza e Campos (2020), Rossi (2009), Reis (2004), e Frayze-Pereira (2005), trazem visões diferentes sobre a arte e seu impacto na psicanálise como uma ferramenta não verbal de emergência de conteúdos inconscientes provocando identificação, emoção e alívio psíquico por um meio simbólico.

Corso (2006), Chauí (1984) e Klein (1927/1996), contribuem para o olhar dos contos de fadas no mundo infantil, mostrando como essas obras ajudam a criança a compreender e aliviar seus conflitos e desejos

inconscientes, projetando e se identificando com tais personagens dos contos por meio lúdico.

Portanto, a pesquisa se desenvolve na interpretação do conto de Fadas da “Bela e a Fera”, traduzido por Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1756), e como se apoia sob a abordagem psicanalítica presente principalmente pelo autor Bruno Bettelheim (2002) com sua obra “A Psicanálise dos Contos de Fadas”, destacando o simbolismo e a identificação da obra e de seus personagens diante da criança. Ressalta-se com o autor, como os personagens principais representam dualidades como “bem” e “mal” e tornam o conto não apenas um recurso lúdico, mas também um instrumento de maturidade e reflexão sobre conflitos intrínsecos da existência.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O conto A Bela e a Fera, de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1756), oferece uma análise profunda sobre a trajetória e representação de Bela sob duas óticas, o desenvolvimento do ego e o Complexo de Édipo, destacando seus conflitos, amadurecimento e integração.

Na visão de Furlaento (2025), a personagem da Bela representa o ego feminino em processo de amadurecimento, no qual Bela atende as satisfações do pai, cuidando dele, fazendo tarefas de casa e tentando atender suas expectativas. Para essa autora, as atitudes da personagem mostram um ego dependente do pai, um ego imaturo afastado do Self, conforme o processo da história caminha com o objetivo da individuação, processo de adquirir conhecimento e acesso ao seu Self. Diante disso, quando ocorre a separação da Bela e de seu pai, seu ego dá espaço para seu Self que ajuda ela a fazer sua própria escolha do destino, é o momento que ocorre a transformação.

Ao momento que Bela se vê com a Fera, uma figura contrária de seu consciente, seu oposto, ela se vê em conflito com seu Self pois se vê diante de aspectos sombrios que ela introjetava sobre seu pai. Esses aspectos que estavam introjetados em si e em seu inconsciente, começam a ser sublimados, ela entra em contato com esses conteúdos reprimidos e à medida que se relacionava com a Fera, mais flexível seu ego se encontrava. A autora traz uma análise do instante em que a Bela se declara para Fera, seu conteúdo inconsciente é transformado, reconhecendo o que ela havia negado dentro de si, seus impulsos e emoções, representado no momento que a Bela vê a Fera como um humano não mais primitivo, ou seja, uma análise de que nesse momento ela não nega mais seus aspectos internos, sendo mais capaz de enfrentar suas angústias e desafios e se libertar da dependência e apego em seu pai (Furlaento, 2025).

A autora Cortes (2018) complementa essa análise ao definir Bela inicialmente como um ego indiferenciado, caracterizado por uma relação simbiótica e uma falta de separação clara de outras figuras importantes, a figura do pai. A mudança significativa ocorre com a separação, quando Bela se afasta do pai para ir morar no castelo da Fera a partir daí, o autor alegoriza o nascimento da consciência dela, no qual Furlaento (2025) também traz esse evento como a proximidade com o Self.

Segundo Cortes (2018), o contato da personagem com a Fera a deixa amedrontada, por se assemelhar a algo animalesco e receio do ego de enfrentar os conteúdos negados de seu inconsciente. À medida que Bela ia criando contato e vínculo com a Fera, ela foi amadurecendo seu ego, especialmente por estar longe de casa e do pai. Com o aprofundamento dessa relação e ao aceitar a presença da Fera, seu ego ficou mais flexível e capaz de integrar os conteúdos que a Fera simbolizava. Em contrapartida, quando ela voltou para uma visita a sua

casa, houve um movimento de regressão, no qual o acesso de seu ego e seu self se dificultaram por conta de situações e figuras que ela voltou a encontrar, como suas irmãs, manifestados como aspectos sombrios que ainda não foram confrontados e seu pai (Cortes,2018).

Na volta ao castelo, Bela se une a Fera em um coniunctio , que é um processo de união dos opostos, que para Cortes (2018), foi representada no momento da declaração. Esse fenômeno significa um processo de individuação, demonstrando que a personagem lida com a Fera de modo relacional buscando integrar os conteúdos inconscientes e não destruí-los.

Sob outro prisma, Alex Khanna (2024) enxerga o conto sob a ótica de Freud ao Complexo de Édipo, ao destacar a relação muito próxima de Bela com seu pai e com isso manifestar sentimentos agressivos a mãe, embora ela não seja mencionada no conto. Khanna interpreta que esse processo resulta em um apego intenso ao pai e pode ajudar a compreender o sacrifício que a personagem fez ao se colocar no lugar do pai no conto e aos obstáculos que lidou ao longo da estória, incluindo o medo e a rejeição da Fera, que simboliza as manifestações reprimidas e projetadas do inconsciente de Bela.

A personagem do conto, Bela, representada na lente de Pires e Facchin (2010), traz o entendimento dos aspectos narcisistas, passagem do feminino e do Complexo de Édipo presentes no conto. Os autores ressaltam a importância da relação mãe-bebê no começo da vida, essa relação desempenha um papel fundamental da formação psíquica e sobrevivência, traz a relação de ambivalência de sentimentos pela mãe representar tanto quem cuida e protege quanto aquela que joga ao bebê ao mundo (esses sentimentos ambivalentes podem ser prolongada a fase adulta) além da mãe representar a passagem do feminino, ou seja, algo que falta no bebê e que pode encontrar na mãe por ainda estarem ligados. Diante disso é notório a relação de simbiose entre mãe

e bebê nas primeiras etapas e o modo que se forma essa relação determina o modo de como futuramente a pessoa se estabelece com seu mundo externo e interno, sendo saudável ou não.

No conto, Bela não teve sua relação com a mãe, o que para esses autores poderia ter sido o foco da história. Para Bettelheim (1980), o cuidado da Fera com Bela, representou a primeira função materna, seu palácio e aspectos de sua vida, eram vistos como as fantasias narcisistas que ela tinha. Os aspectos narcisistas que Pires e Facchin (2010) falam em sua análise, vem da dificuldade de Bela de transferir sua energia do EU ao mundo exterior para que assim ela conseguisse colocar seus desejos dentro de sua realidade, se libertando do Complexo de Édipo e do narcisismo.

O Complexo de Édipo presente, é mostrada pela relação intensa que Bela tem com seu pai, demarcada por preocupação excessiva que influenciava nas escolhas dela, seus medos e capacidades. Desse modo, sem ter com quem disputar a atenção do pai, o vínculo entre eles se tornou ainda mais forte e esse apego intensificado acabou gerando como consequência, uma repulsa aos homens que demonstravam interesse por ela, assim como foi vista imagem da Fera, um homem no qual a desejava, mesmo sob uma forma monstruosa, despertando medo na personagem. A Fera, portanto, representava as manifestações do inconsciente de Bela, aspectos de si mesma que ela negava, temia e mantinha à distância e por conta disso, a imagem da Fera funcionava como uma representação externa de tudo aquilo que seu inconsciente guardava, mas que seu ego, até então, não conseguia integrar (Pires e Facchin, 2010).

Ao final da história, a declaração de amor de Bela e a transformação da Fera simbolizam a resolução do conflito do Complexo de Édipo e o amadurecimento do ego, esse momento representa a

redenção, a integração dos conteúdos internos e o processo da individuação. (Pires e Facchin, 2010).

Dentro dessas análises, observa-se dois primas de compreensão da Bela, dentre eles pelo olhar de Furlaento (2025) e Cortes (2018), que trazem um enfoque no ego imaturo e dependente que a personagem tem com o pai, juntamente com o processo de integração do Self e amadurecimento a partir da sublimação dos seus conteúdos reprimidos. Na perspectiva do segundo prisma, os presentes autores Khanna (2024), Pires e Facchin (2010) analisam a personagem sob o conceito do Complexo de Édipo a partir da relação de apego com o pai e ausência da mãe, conflitos e repulsa pela Fera.

Nesse conto de fadas, é vital a análise do simbolismo da rosa que representa o símbolo da maldição da Fera. A flor personifica transformação e sedução, associadas à deusa Afrodite. Seu formato circular remete à totalidade, à busca da perfeição e ao Self, no processo de individuação (Cortes, 2018).

Segundo Jung (2006), a flor pode representar a união desses opostos, e símbolo de integração psíquica, além de ser vista como o elixir da vida e da alma, marcando o alvorecer do conto. Como observa Edinger (2008), as flores também remetem ao aspecto erótico da energia motivadora, funcionando como estímulo simbólico que atrai o ego para o crescimento e a transformação interior, elementos essenciais no processo de individuação.

Nesse conto, além da perspectiva de Bela e simbolismo da Flor, o leitor é conduzido à compreensão dos sentimentos e da visão da Fera, um personagem que simboliza os aspectos inconscientes da jovem, especialmente aqueles ligados à sua sexualidade e aos impulsos que ainda não consegue reconhecer ou aceitar. A representação da Fera como feia e ameaçadora influencia a forma como Bela se afasta dela,

oferecendo-lhe e facilitando a liberdade de negar seus desejos e manter seu apego à figura paterna (Pires e Facchin, 2010).

Em vários contos de fadas, os personagens relacionados a algum animal, buscam sua redenção pelo amor de um ser humano, que no caso da Fera, essa redenção foi apresentada a partir da construção e sentimentalismo pela Bela. A autora traz uma visão de que esse tipo de narrativa insinua que o contato com outro ser humano e a relação com Bela, nesse determinado contexto, permite afastar o lado primitivo e animalesco do personagem da Fera, visto como um lado obscuro e que há em cada ser humano, e assim demonstrar que a Fera não é uma figura abusiva, é somente uma representação desse lado escondido dos indivíduos (Arruda, 2017).

Para Renata Arruda (2017), ao citar Rodrigo Lacerda (2016), esse tipo de narrativa traz a transformação dos personagens, tal como Bela, que ao passo que se relacionava com Fera, ela desenvolvia compreensão e abertura de espírito em junção a esse mundo fantástico e animalesco, dando permissão a uma ambiguidade que a Fera representava, sendo os aspectos incontrolláveis e instintivos. O conto traz o confronto entre o humano e o animal como caminho de crescimento e compreensão.

Em uma perspectiva social, a Fera pode ser entendida como uma metáfora para pessoas marginalizadas pela sociedade por conta de sua aparência assustadora e atípica. Isso retrata o modo como a Fera age com Bela e o pai dela, o modo grosseiro dele funciona como um mecanismo de defesa, resultado do isolamento, da rejeição e da maldição que o assombrou, influenciando no próprio julgamento de ser condenado pela sociedade e assim, assumindo o papel de ser temido (Arruda, 2017).

Para Bettelheim (2002), a Fera transmite uma imagem muito importante para as crianças não somente pela sua aparência. O autor

esclarece que os pais frequentemente procuram ensinar seus filhos a enxergar as pessoas de forma otimista, negando qualquer aspecto negativo e transmitindo uma imagem sempre positiva e idealizada da realidade, porém, essa visão simplificada pode gerar nas crianças a compreensão de que emoções negativas ou egoístas são erradas e monstruosas. É nesse contexto que personagens como a Fera se tornam especialmente importantes, pois mostram às crianças uma perspectiva mais realista da natureza humana, trazendo como uma representação simbólica a ambivalência presente em todos os seres humanos, que ao se depararem com a Fera, as crianças percebem que ninguém é completamente “bom” nem completamente “mau”, e que sentimentos como raiva, egoísmo ou frustração fazem parte da experiência humana. Esse conhecimento permite que as crianças entendam que sentir ou agir de forma imperfeita não as transformam em monstros, mas é algo natural e comum.

De acordo com Bettelheim (1980), a relação e entrosamento que se segue entre a personagem da Bela e da Fera, há um desenvolvimento em cada um deles, como a Bela sendo vista a princípio como uma figura imatura na qual olhava para a Fera e via a dualidade dele entre “animal” e “racional”, nesse sentido, a busca de Bela pela Fera representa diferentes partes de uma mesma pessoa e os conflitos internos que ela enfrenta. Assim, esses dois personagens passam por um processo de amadurecimento ao longo da história chegando à realização humana quando se entende a união do animal e racional como algo coexistente.

A essência da estória está no caminho do relacionamento entre Bela e a Fera e na transformação que ele promove. Ao descobrir a verdadeira natureza amorosa da Fera, Bela transfere seu amor do pai para ele, mas de maneira madura, o que permite seu próprio amadurecimento emocional e sua relação mais saudável com seu pai.

Essa ideia advém do pensamento freudiano, o qual os anseios sexuais permanecem presos às figuras parentais e precisam ser vividos de forma negativa. No entanto, à medida que a criança amadurece e consegue desligar esses sentimentos dos pais, ele direciona a um parceiro adequado à sua etapa de desenvolvimento, o desejo deixa de parecer animalesco e passa a ser vivenciado como algo belo e positivo (Bettelheim, 2002).

Para Renata Arruda (2017), a mensagem da estória não se resume a mostrar o lado somente do amor e a recompensa dele, mas sim em demonstrar a importância da aceitação e do contato humano além das aparências e do que se vê, dentro de um contexto simbólico. Insinua sobre a importância de olhar para além, destacando que o que realmente marginaliza e deixa as pessoas monstruosas é a falta de contato com o outro.

Cada conto de fadas é um espelho mágico que reflete aspectos do nosso mundo interior e os caminhos necessários para evoluirmos da imaturidade para a maturidade. A Bela e a Fera mostram o processo de amadurecimento a partir da transferência dos desejos do pai pela figura da Fera; a necessidade de uma visão além da simbologia ameaçadora e monstruosa da Fera para entrar em contato com si mesmo e a percepção dos conflitos internos profundos. Tais conflitos são ligados a impulsos, desejos e emoções, que costumam ser ignorados e silenciado para as crianças, o que dificulta que elas aprendam a lidar com eles e como nem sempre conseguem expressar esses sentimentos em palavras, as crianças acabam projetando-os por meio de medos, ou preocupações com o próprio corpo. Como esses sentimentos causam desconforto nos pais, eles muitas vezes os minimizam ou ignoram, acreditando que assim estão protegendo a criança, quando, na verdade, deixam de ajudá-la a enfrentar (Bettelheim, 2002).

Em contos de fadas que trazem uma figura não moral, como a Fera, são importantes para retratar que não só reis ou heróis podem ter sucesso na vida, mostram à criança que alguém comum ou alguém diferente pode alcançar esse sucesso também, não através do moralismo, mas pelo enfrentamento das dificuldades e desafios que enfrentam (Bettelheim, 2002).

O presente projeto propõe uma análise abarcando o desenvolvimento infantil psíquico a partir de representações, projeções e simbolismo dos personagens dentro dos contos de fadas, como o presente conto “A Bela e a Fera”, de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1756), discutidos nesse estudo sob uma óptica psicanalítica, compreendendo-o como instrumento fundamental na vida das crianças, em sua formação psíquica, de personalidade e tendo potencial terapêutico dentro da clínica. Desse modo, a arte, os contos de fadas e psicanálise se articulam em torno dos processos inconscientes.

A discussão parte do pressuposto de que os contos de fadas não são apenas narrativas infantis, mas também o simbolismo que cada um dos personagens dos contos carrega, tendo para cada criança, um significado e representação subjetiva. Conforme aponta os autores estudados, essas histórias possibilitam que as crianças se identifiquem com os personagens de acordo com sua subjetividade, e a partir disso, elaboram seus conflitos internos, medos, angústias e fantasias. Os contos de fadas dão a liberdade para que o público infantil compreenda seus sentimentos e se identifiquem com cada história dos personagens, sendo eles de diversos contextos e apresentando diversas estruturas psíquicas, isso ajuda as crianças a perceberem que tais personagens também vivem medos, conflitos e que não estão sozinhos com o que sentem. Isso auxilia na integração e elaboração de seus conteúdos inconscientes.

Nesse contexto, a construção dos personagens centrais: Bela e Fera, não são apenas figuras narrativas, mas são essas representações

psíquicas que permitem identificação e projeção. Bela representa um ego imaturo, ainda muito dependente do pai, no qual sempre vivia para agradar o mesmo, compreendido à luz do Complexo de Édipo. Conforme a narrativa discorre, quando Bela fica no castelo no lugar de seu pai, é o momento simbólico que ela rompe o vínculo intenso com ele, dando início ao seu amadurecimento psíquico. A personagem percorre uma trajetória de amadurecimento do ego e de aproximação do seu Self. Ao se deparar com a Fera, ela enfrenta uma resistência inicial, pois a criatura simboliza os conteúdos inconscientes que estão reprimidos.

A Fera, por sua vez, é representada como os conteúdos reprimidos de Bela, aos seus impulsos e sexualidade. A maneira como a Fera age e sua aparência ameaçadora e animalisca simbolizam conteúdos inconscientes escondidos, que provocam medo e angústia. Para as crianças, a Fera funciona como uma ponte de identificação: ela manifesta comportamentos muitas vezes reprimidos por serem considerados “errados”, mostrando que ninguém é totalmente bom ou totalmente mau. Ao acompanhar sua busca por redenção, as crianças percebem que certos sentimentos, pensamentos ou fantasias fazem parte da experiência humana e que está tudo bem senti-los, o que ajuda a reduzir ansiedade e angústia frente a seus próprios conteúdos internos. O medo inicial de Bela diante da Fera mostra o receio do ego frente ao inconsciente.

Ao longo da narrativa, observa-se flexibilização do ego de Bela à medida que ela estabelece vínculo com a Fera, aquilo que era visto como monstruoso passa a ser reconhecido como humano, como algo que ela agora, consegue lidar. O modo como Bela se relaciona com a Fera mostra à criança que esse “monstro”, carregado de conteúdos inconscientes e representando medos internos, pode ser transformado e integrado, oferecendo um modo mais saudável de lidar com sentimentos e conflitos que também fazem parte de sua própria experiência.

Essa dinâmica é essencial para o desenvolvimento infantil. A criança, ao identificar-se com Bela, vivencia simbolicamente o processo de crescimento, autonomia e amadurecimento emocional, com a percepção também do âmbito de que a estória demonstra que a beleza exterior não deve ser o aspecto mais importante, pois as pessoas são diferentes e possuem qualidades que vão além da aparência. O carinho, o afeto e a compreensão podem transformar os indivíduos, assim como Bela transformou a Fera ao reconhecê-la e aceitá-la. Ao final, a narrativa mostra que a relação entre Bela e a Fera revelou a verdadeira natureza dela, enfatizando a importância do vínculo, da empatia e da capacidade de enxergar além do superficial.

Os contos de fadas oferecem à criança um espaço simbólico onde conflitos podem ser encenados e elaborados, trazendo uma potencialidade terapêutica sobre a capacidade de sonhar, imaginar e simbolizar. Em específico, o conto “A Bela e a Fera” traz como a arte atua como mediadora entre inconsciente e consciência. A história não trata apenas de amor romântico, mas de um trajeto sobre elaboração, autonomia e identificação.

CONSIDERAÇÃO FINAL

O conto *A Bela e a Fera* evidencia a potência simbólica das narrativas na representação do mundo interno infantil, favorecendo o desenvolvimento emocional e psíquico. Os personagens funcionam como mediadores simbólicos que possibilitam à criança identificar, projetar e elaborar conflitos internos, medos e angústias. Ao longo da narrativa, observa-se o amadurecimento do ego da personagem Bela, sua progressiva autonomia em relação à figura paterna e a integração dos conteúdos inconscientes representados pela Fera. Esse processo

simboliza a capacidade de elaboração psíquica e de enfrentamento das ambivalências constitutivas da experiência humana.

A relação entre Bela e a Fera destaca a importância do afeto, da empatia e da aceitação como elementos transformadores, permitindo à criança compreender que aspectos considerados negativos também fazem parte da subjetividade. Dessa forma, os contos de fadas oferecem um espaço simbólico privilegiado para a elaboração emocional e o desenvolvimento da subjetividade.

Conclui-se que essas narrativas, articuladas à psicanálise, constituem importantes recursos para a compreensão do desenvolvimento infantil, com potencial terapêutico significativo. Ressalta-se, contudo, que o tema não se esgota neste estudo, considerando a singularidade das interpretações e experiências subjetivas envolvidas na relação entre criança, narrativa e inconsciente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Karina. Importância do brincar na clínica psicanalítica: uma visão kleiniana. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO E PRÁTICA PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA, 3.; JORNADAS DE INVESTIGAÇÃO, 18.; ENCONTRO DE INVESTIGADORES EM PSICOLOGIA DO MERCOSUL, 7., 2011, Buenos Aires. **Anais [...]**. Buenos Aires: Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires, 2011.

ARAÚJO, F. M. S. C.; AMARI, F. N.; OLIVEIRA, A. M. M. A função dos contos de fadas na constituição do sujeito psicanalítico: uma análise a partir do conto de Chapeuzinho Vermelho. *Akrópolis*, Umuarama, v. 19, n. 3, p. 187–202, jul./set. 2011.

ARRUDA, Renata. A Bela e a Fera não é uma história sobre a Síndrome de Estocolmo. *Medium*, [S. l.], 2017. Disponível em: <https://medium.com/renataarruda/a-bela-e-a-fera-n%C3%A3o-%C3%A9-uma-hist%C3%B3ria-sobre-s%C3%ADndrome-de-estocolmo-39337bd81b4d>. Acesso em: 01 abr. 2026.

BEAUMONT, Jeanne-Marie Leprince de. *A bela e a fera*. Tradução de Cássia Leslie e Susana Ventura. Ilustrações de Alexandre Camanho. Londrina: Florear Livros, 2021.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CAMPOS, Lia Keuchguerian Silveira; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. Brincar como meio de comunicação na psicoterapia de crianças com mutismo seletivo. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 5, n. 2, p. 15–33, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072014000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 mar. 2026.

CAPELOZZA, Mayara Sastre; CAMPOS, Érico Bruno Viana. Entre a poética e a estética: um inusitado encontro da psicanálise com a arte. *Ide*, São Paulo, v. 42, n. 70, p. 13–29, dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062020000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 fev. 2026.

CORTES, G. G. O conto A bela e a fera: da simbologia alquímica ao processo de individuação. Instituto Junguiano do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ago. 2018. Disponível em: <https://institutojanguiano.org.br/o-conto-a-bela-e-a-fera-da-simbologia-alquimica-ao-processo-de-individuacao/>. Acesso em: 01 abr. 2026.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 4–5). Publicado originalmente em 1900.

FURLANETO, D. D. Análise simbólica do conto A bela e a fera: uma jornada feminina. *Central Psicologia*, [S. l.], 2025. Disponível em: <https://centralpsicologia.com.br/artigo/analise-simbolica-do-conto-a-bela-e-a-fera-uma-jornada-feminina>. Acesso em: 10 abr. 2026.

KHANNA, Alex. Understanding the psychology within Beauty and the Beast. *Breadcrumbs*, Los Angeles, 2024. Disponível em: <https://breadcrumbs.lmu.build/fairy-tales/understanding-the->

[psychology-within-beaumonts-beauty-and-the-beast/](#). Acesso em: 10 abr. 2026.

PIRES, L. P.; FACCHIN, T. H. J. A bela e a fera: uma análise psicológica da personagem Bela. *Aletheia*, Canoas, n. 31, p. 67–81, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115021494005.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SILVA, G. H. da; VIANA, D. dos S.; SOUZA, J. R. de. A arte como instrumento do inconsciente: imagens que revelam o sujeito. *Lumen et Virtus: Revista Interdisciplinar de Cultura e Imagem*, [S. l.], v. 13, n. 32, 2022.